

Leonor ROCHA*

O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investiga o.

Apresenta-se o estado actual da investiga o na área de Pavia, Mora (Portugal). Aos trabalhos realizados, nesta área, por Vergílio Correia no início do século, acrescenta-se agora uma série de novos dados resultantes das prospecc es que se têm efectuado, neste território, nos últimos anos. A mancha megal tica de Pavia   actualmente compar vel   de Reguengos de Monsaraz e de  vora. No entanto, em termos cronol gicos parecem existir algumas diferenças.

Palavras-chave: Megalitismo funerário, Alentejo, Pavia (Portugal), Neolítico.

The following presents the actual research situation in the area of Pavia, Mora (Portugal). New data are now added to the works done in this area by Vergílio Ferreira in the begin of the century. These new data resulted from the field survey works that have been carried out in the last years. At this stage it is possible to establish parallels between the megalithic group of Pavia and the ones of Reguengos de Monsaraz and Evora. Still some chronological differences seem to exist between Pavia and the other groups.

Keywords: Megalithic burial monuments, Alentejo, Pavia (Portugal), Neolithic.

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A  rea de Pavia situa-se na extremidade Norte do distrito de  vora, perto do limite com os distritos de Santarém e Portalegre.

Geologicamente, abrange essencialmente duas forma es: as extremidades da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte granitos.

A Sul de Pavia aparece representado o complexo atapulg tico da orla sul da bacia do Tejo, a NE, SE e SW as rochas graníticas, a E, N e NWN forma es metamórficas não carbonatadas, com metavulcanitos, xistos e grauvaques de Terena, metassedimentos predominantemente xistentos, gnaisses e micaxistos.

O Quaternário   constituído por depósitos aluviais modernos, por areias e cascalheiras de terraços e tufo calcários. As aluviões modernas encontram-se ao longo dos principais vales da região e, são compostas por areias e cascalheiras com algumas intercala es argilosas. Os vales das ribeiras de Almadafe, da T ra, da Raia, do Divor e da Cr  apresentam este tipo de forma es.

Manchas do Terciário aparecem localizadas, a NW, nos

pontos topograficamente mais elevados. São compostos, essencialmente, por gr s argilosos.

Em termos hidrográficos, a área de Pavia pertence   bacia hidrográfica do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Actualmente apresenta uma grande irregularidade fluvial, de estiagem mais severa e escoamento mais concentrado (Ramos 1994:115-116). Estas condi es devem-se, por um lado,   escassez pluviométrica, quer em quantidade, quer em número de dias de chuva e, por outro,   pouca permeabilidade do substrato predominantemente xistento, que dificulta a infiltra o e favorece o escoamento superficial. Estes factores conduzem   pobreza das reservas hídricas subterrâneas, nos períodos não chuvosos, e a grandes caudais nos períodos de maiores precipita es.

Drenada pelas ribeiras do Almadafe, de Tera e do Divor, esta área apresenta uma rede hidrográfica geralmente encaixada, entalhando a cobertura sedimentar e pondo por vezes o soco a descoberto.

Em rela o   topografia, podemos considerar que   cobertura terciária estão associadas formas de relevo suaves, representadas a W e a S de Pavia, enquanto que, ao substra-

to antigo, embora peneplanizado, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos. Os declives mais acentuados apresentam-se junto à ribeiras do Almadafe, do Divor e da Têra - os valores mais elevados situam-se junto a esta.

Podemos assim considerar duas grandes categorias, as áreas graníticas que se caracterizam pela boa conservação das superfícies de erosão nos interflúvios, com vales largos de fundo plano onde a rede hidrográfica apresenta uma adaptação às fracturas e as áreas xistentas onde as paisagens são mais acidentadas e os relevos vigorosos. A rede hidrográfica é densa e bastante hierarquizada devido à grande impermeabilidade destas rochas.

Quanto à qualidade dos solos, os granitos determinam, em geral, um fraco potencial agrícola (classes D e E), enquanto nas formações terciárias se observam duas situações distintas: nos terrenos argilo-calcários do Oligocénico, ocorrem boas manchas de solos agrícolas (classes B e C) e nos terrenos Mio-Pliocénicos do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominam os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe E).

Em relação à transitabilidade, podemos verificar que as principais linhas de fecho se desenvolvem perpendicularmente à ribeira da Raia e do Almadafe, sendo paralelas à ribeira da Têra, área onde se concentram o maior número de monumentos megalíticos e de outros vestígios pré-históricos.

Em termos climáticos, e a nível geral podemos considerar que existem grandes contrastes térmicos devido às elevadas temperaturas atingidas no verão. Os invernos apresentam-se moderados nas áreas topograficamente menos acidentadas e frescos nas áreas deprimidas do interior (Daveau 1985: 48).

2. MEGALITISMO FUNERÁRIO

2.1. IMPLANTAÇÃO

No que se refere à implantação dos monumentos megalíticos verifica-se uma preferência pelas áreas de topo, 66 monumentos (56%), em detrimento das vertentes e baixas, com 39 monumentos (33%) identificados.

A análise da implantação destes monumentos permite estabelecer, com base na sua relação com a geologia a existência de alguns na proximidade de afloramentos, enquanto outros se situam em áreas abertas, sem aspectos destacados, na paisagem actual. A maior parte situam-se em pontos relativamente dominantes que, não sendo sempre os mais altos, possuem, no entanto, um bom domínio visual sobre os territórios envolventes; mesmo as que foram construídas em vertentes desfrutam, normalmente, dessas condições.

O conjunto de antas que se situa junto à actual vila de Pavia, particularmente a anta-capela de S. Dionísio, as da Ordem, Entreáguas e Caeira, pela sua localização altaneira

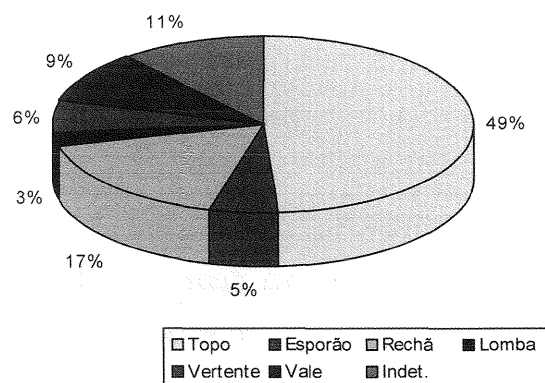


Gráfico 1. Padrões de implantação topográfica.

destacavam-se, muito provavelmente, na paisagem. Pelo contrário, as antas da serra de Briços e as da Cré facilmente passariam despercebidas, umas pelo acidentado do terreno e as outras, devido à grande quantidade de afloramentos que existem dispersos nesta área.

A necrópole da Ordem destaca-se não só pela proximidade e elevado número de monumentos, como também pelas características da área onde se implantam: trata-se de uma área plana com excelente visibilidade, junto à confluência da ribeira da Sêda com a do Almadafe, onde os monumentos megalíticos funerários distam entre si apenas algumas dezenas de metros.

É ainda de realçar o facto de as maiores concentrações de monumentos se encontrarem junto às margens das principais ribeiras e linhas de água. A proximidade da água foi, sem dúvida, uma das condicionantes tomadas em consideração pelos construtores das antas desta área. Vergílio Correia já havia constatado este facto, referindo que os monumentos se implantavam preferencialmente nas orlas dos cursos de água (Correia 1921: 65).

As pequenas sepulturas encontram-se em áreas de topo, normalmente aplanado, ou em vales, ambos com boas condições de visibilidade, pelo que seriam facilmente percebidas na paisagem, apesar de, em princípio integrarem mamões de pequenas dimensões.

Por outro lado, os monumentos de maiores dimensões, como a anta-capela de S. Dionísio, as antas da Ordem, Entreáguas 1, Casa Branca, Cabeço do Considreiro 1, Antões 1 Caeira e Cré 1, implantam-se em áreas de cumeeada, claramente destacadas em relação às outras, implantação que constitui a nota dominante na área de Pavia.

No que se refere à capacidade de uso dos solos, os monumentos implantam-se preferencialmente nos solos D e E, com 28 e 64 antas respectivamente. Nos solos da classe C não se encontra, actualmente qualquer monumento, enquanto que nos solos A se registam 4 e nos solos B, 12.



EST. 1. Localização da área de Pavia na Península Ibérica.

2.2. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

As antas e sepulturas megalíticas distribuem-se ao longo das duas margens das principais ribeiras da área, verificando-se as maiores concentrações nas ribeiras do Almadafe, da Tera e do Divor.

De um modo geral, estes monumentos megalíticos localizam-se muito perto uns dos outros, alguns deles formando grupos ou necrópoles perfeitamente individualizados. Se, as semelhanças arquitectónicas e artefactuais nos podem, em alguns casos, como na necrópole da Caeira ou da Ordem, sugerir um uso virtualmente simultâneo, o mesmo já não se verifica nas do Cabeço do Considreiro, Antões e Entreáguas, que parecem inscrever-se num leque cronológico-cultural mais aberto.

No entanto, é de salientar a partilha, supostamente diacrónica, do mesmo espaço pelas pequenas sepulturas, com espólios mais escassos e menos enterramentos e, as grandes antas que, pelo seu espólio, apontam para um número muito mais elevado de enterramentos.

A apreciação do conjunto, permite afirmar, que em todas as áreas em que ocorrem sepulturas, as antas estão sempre presentes, embora haja grupos constituídos exclusivamente por antas.

Noutra perspectiva, raros são os monumentos que aparecem isolados e, mesmo nesses, a distância ao que lhe fica mais perto não excede os 5 km. A maior parte dista entre si algumas centenas de metros ou simples dezenas; os dois monumentos que se encontram mais perto estão no conjunto da Ordem, com uma equidistância de 7m.

2.3. A AMOSTRA DISPONÍVEL

O conjunto do megalitismo funerário apresenta uma densa mancha de monumentos na área de Pavia, 118 registados até ao momento, comparável em número e distribuição espacial aos de Reguengos e de Évora.

O espólio recolhido e o tipo de arquitectura apontam para uma utilização mais ou menos contínua, entre o que poderíamos considerar um Neolítico médio e um Calcolítico inicial/médio. De facto, apesar de se registar a presença ocasional de alguns artefactos metálicos, a quase total ausência de outros elementos considerados tardios, como as cerâmicas campaniformes e os báculos e mesmo os próprios tholoi, indica, aparentemente, a não utilização destes monumentos em períodos mais recentes, o que parece também confirmado pelo tipo de povoamento registado até ao presente.

A orientação dos sepulcros megalíticos peninsulares mereceu sistematicamente, como se sabe, a atenção do casal Leisner; no caso dos monumentos pavienses, o próprio Virgílio Correia, tecera já algumas considerações sobre o fenómeno, embora não tenha publicado quaisquer dados concretos sobre ele.

A entrada destas construções encontra-se habitualmente exposta a nascente, como é de regra na maior parte dos megálitos europeus e não apenas nos de cariz funerário.

Em termos regionais são raríssimos os monumentos que escapam a essa orientação genérica; a variabilidade observada, em Pavia, enquadra-se, pois, perfeitamente nos valores conhecidos e que têm sido comentados, recentemente, por vários autores (Gonçalves 1992: 39-49; Calado 1993: 296-298).

Apesar de, em termos globais, se dispor de uma imagem válida, fornecida pelas leituras dos Leisner, a verdade é que o método utilizado por estes autores carece de rigor suficiente para uma adequada quantificação do fenómeno. Os trabalhos de Michael Hoskin, em que foram revistas as orientações de muitos monumentos pré-históricos no contexto do Mediterrâneo, têm permitido verificar algumas insuficiências mais ou menos relevantes.

As medições de alguns monumentos de Pavia, num trabalho realizado por Michael Hoskin e Manuel Calado, no Alentejo Central, e cujos dados agradeço aos autores, permite, desde já uma primeira leitura, por amostragem, das realidades do megalitismo de Pavia, neste capítulo.

Virgílio Correia registou um total de 71 monumentos tendo escavado 48 o que equivale a cerca de 68% dos monumentos por ele identificados (Correia 1921). Ao rever e actualizar o trabalho deste investigador, o casal Leisner regista mais 9, passando então para um total de 80 monumentos megalíticos. Nos últimos anos inventariaram-se mais 35 sepulturas o que equivale a um aumento de 47 %.

2.4. A ARQUITECTURA

Os monumentos megalíticos funerários da área de Pavia enquadram-se tradicionalmente, em relação à arquitectura, em dois grupos principais: as pequenas sepulturas em forma de ferradura e as antas de câmara mais ou menos poligonal com corredor. Ausentes parecem estar, até ao momento, os tholoi. O seu estado de conservação varia entre o danificado e o muito danificado, se bem que exista ainda um notável

conjunto de monumentos em bom estado de conservação, pelo menos no que se refere à câmara, uma vez que raramente se dispõe de informação, à superfície, para o corredor.

Câmara

I. Forma

	Poligonal	Em ferradura	
7 esteios	Brissos 1 e 4; Cabeço Considreiro 1; S. Dionísio; Lapeira 1 e 2; Antões 3 e 6; Figueiras; Ordem 1; Matalote; Adua 1; Vale d'El Rei; Oliveira 1 e 3; Remendo 1; Caeira 2, 5, 6 e 7; Casas Velhas 1; Cré 4	6 esteios	Antões 2
8 esteios	Brissos 6; Adua 1; Cré 1; Caeira 1; Gonçala 3	7 esteios	Casarão das Figueiras;
9 esteios	Casa Branca 3; Remendo 2	8 esteios	Madre de Deus 1; Remendo 2
Indet.	Brissos 7; Casa Branca 1; Lapeira 3; Antões 1; Entreáguas 1 e 4; Ordem 2, 3 e 6; Adua 2; Caeira 3;	11 esteios	Entreáguas 5; S. Miguel (?);
		Indet.	Considreiro 2; Ordem 4

Quadro 1: Formas das plantas simplificada.

A observação deste quadro permite verificar uma certa diversidade, quanto ao número de esteios, dentro dos dois tipos de plantas. As melhores representadas são as antas poligonais de 7 esteios e as sepulturas de 11 esteios. No caso das sepulturas é provável que algumas possuam mais esteios, uma vez que na maioria apenas afloram à superfície ou estão debaixo de amontoados de pedras.

Em relação ao comprimento do corredor, a comparação dos diversos comprimentos permite concluir que, os tipos mais representados são os corredores curtos e os corredores longos. No entanto, a observação dos espólios referentes a estes dois tipos de monumentos, onde não se observam diferenças assinaláveis, não permite, à partida, encará-los como cronologicamente separados.

Na prática a aplicação destes resultados, apesar de viável como amostragem não permite generalizações, considerando que se trata de uma análise com base em condições de preservação actuais. Consciente dessas limitações pensamos, no entanto, que é possível propor a existência de três pólos arquitectónicos:

- o das pequenas antas/sepulturas (11);
- os de corredor curto (8);
- e dos de corredor longo (13).

A presença de um número relativamente elevado de monumentos em que apenas temos a câmara conservada e um ou dois esteios de cada lado do corredor não significa que elas tivessem corredor curto. O caso mais significativo neste conjunto é sem dúvida o da anta de S. Dionísio; trata-se da maior anta da área sendo também a que apresenta a maior câmara. No entanto, a destruição do corredor impedem de tirar qualquer conclusão.

No que diz respeito aos diâmetros máximos das câmaras, verifica-se a existência de um grupo entre os 2,5m e os 3, 5m. Abaixo destes valores existem dez monumentos e acima apenas seis. Se considerarmos os intervalos dentro dos 2, 3 e 4 metros temos, respectivamente, um total de vinte e três, de treze e um monumento. Neste último caso trata-se da anta de S. Dionísio.

Para os diâmetros dentro dos três metros constata-se que cinco dos treze monumentos não estão inseridos na classificação de corredor longo ou muito longo. Por outro lado, para os corredores com quatro ou mais metros, por exemplo, só uma (Entreáguas 1) é que tem uma câmara acima dos três metros de diâmetro. Em relação aos comprimentos dos corredores, o de Entreáguas 1 também se diferencia dos outros monumentos.

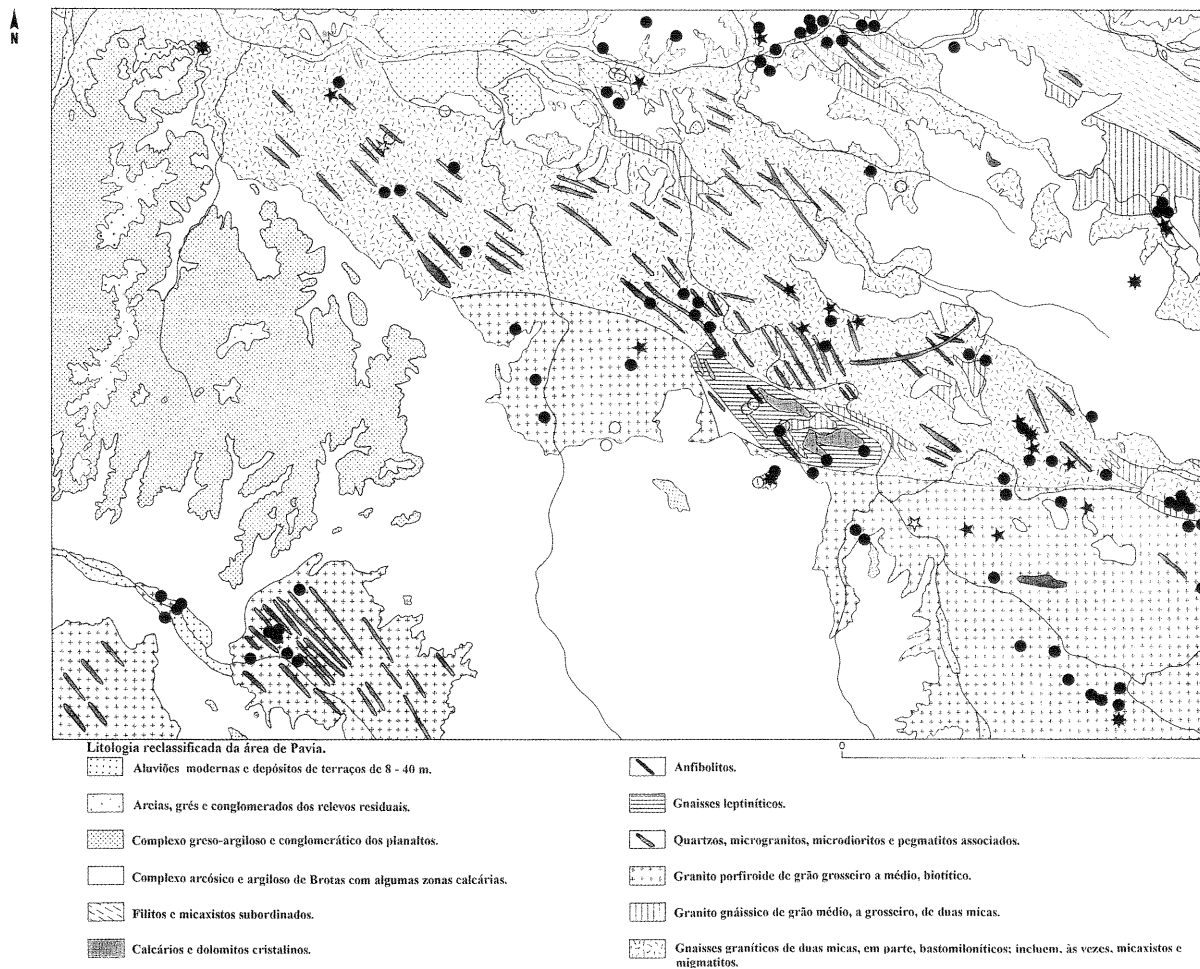
Quanto ao conjunto câmara + corredor, optou-se por utilizar uma classificação mais abrangente, sobretudo em relação à arquitectura das câmaras. Também a grande diversidade proposta pelo casal Leisner (Leisner 1959) varia em torno da câmara poligonal, que pode ser mais ou menos alongada, tender para o trapezoidal, etc. A observação actual, no terreno, destes monumentos não nos permite, na maior parte dos casos estabelecer uma tipologia tão precisa.

No grupo dolménico de Pavia existe uma grande homogeneidade a nível da arquitectura megalítica. Predominam os monumentos de câmara mais ou menos poligonal, de 7 esteios, com corredores curtos ou longos.

A tese de que os mais antigos monumentos megalíticos seriam as pequenas antas sem corredor baseia-se nas propostas, pouco consistentes, de Manuel Heleno, seguidas, com mais ou menos convicção por diversos autores. Aquele investigador que escavou centenas de monumentos no Alentejo, particularmente na área de Montemor-o-Novo, refere-se a este tipo de sepulturas como contendo machados de corpo cilíndrico, picotado e geométricos. Regista ainda a ausência de cerâmicas.

Jorge Oliveira propõe para a área da bacia hidrográfica do Rio Sever que tanto os grandes monumentos como as pequenas sepulturas sejam utilizados simultaneamente, pelo menos para um certo período. No entanto, não exclui a hipótese de existir uma evolução (Oliveira 1995: 664).

Primitiva Bueno Ramírez propõe para a zona norte da Estremadura espanhola a existência de três tipos distintos de monumentos megalíticos, as câmaras simples, as de corredor curto e as de corredor longo (Bueno Ramírez 1988:182). Baseada nos tipos arquitectónicos e no espólios disponíveis esta autora propõe então a contemporaneidade destes três



EST. 2: Megalitismo Funerário.

Antas (●), Antas desaparecido/não localizadas (○), Sepulturas (★), Sepulturas desaparecidas/não localizadas (☆), Mamoas (✱).

tipos no Neolítico Final considerando, no entanto, que algumas diferenças existentes nos espólios das antas de corredor curto apontam para uma maior anterioridade destas. Em relação às «câmaras simples», refere a ausência de espólios conhecidos para este tipo mas, a sua estreita relação espacial com as antas de corredor longo leva-a a considerá-las contemporâneas destas (Bueno Ramírez 1988: 179).

Na área de Pavia também existe, por vezes, esta associação de pequenas sepulturas/ antas de corredor longo, em algumas das necrópoles (Ordem, Entreáguas, Briços e Têra) e ainda nos casos do Cabeço do Considerreiro e dos Antões. No entanto, os espólios identificados para cada um destes tipos apresenta diferenças significativas.

À semelhança do que se presume para a área de Reguengos (Gonçalves e Sousa; no prelo) também aqui se poderá colocar a hipótese de os monumentos mais antigos serem as pequenas sepulturas de planta trapezoidal ou em

«ferradura» e à fase mais evoluída corresponderem os monumentos de grandes dimensões. Mas, apesar de o espólio encontrado nestes pequenos monumentos apontar para a sua anterioridade não é de excluir que, em alguns casos, a sua construção possa ter perdurado e se venha a verificar a existência de uma contemporaneidade relativa entre os dois tipos arquitectónicos.

2.5. ARTEFACTOS VOTIVOS

O maior número de cerâmicas recolhidas registou-se em Antões, sendo de realçar que, na maior parte dos casos, o número de registos de cerâmica é inferior ao de pedra polida.

As formas presentes enquadram-se nos padrões regionais, integrando nomeadamente taças, vasos e potes, de superfícies predominantemente lisas ou com aplicação de mamilos. Excepcionalmente, as antas de Entreáguas 1, Casa Branca e Caeira 7, apresentam taças decoradas com um "...

par de arcos que em posição de orbitas ornamentam as paredes de taças de barro grosso." (Correia 1921: 61; 1972: 100). Por sua vez, as formas carenadas encontram-se presentes em 12 monumentos.

Na anta de Entreáguas 1 registou-se a ocorrência de dois suportes cerâmicos para artefactos de pedra polida. Um dos suportes estava vazio e o outro ainda conserva o pequeno artefacto in situ. O primeiro possui ainda uma concavidade sensivelmente a meio o que o torna muito semelhante ao que alguns autores chamam de ídolos de cornos (Fernandez 1985; Gonçalves 1989; 1994; Hurtado 1984) e outros de suporte de lareiras (Cardoso; Ferreira 1990; Cardoso 1992).

Em relação à pedra polida, a característica comum a quase todos os instrumentos de pedra polida de anfíbolito é o tipo de acabamento "tosco". De facto, para além do polimento efectuado no gume o resto do artefacto não parece ter merecido muita atenção por parte dos respectivos artífices. Nas antas de Brissos e na de S. Dionísio, por exemplo, alguns dos artefactos de pedra polida ou estão inacabados (formas imperfeitas, talão cortado, sem gume, etc.), ou têm sinais de uso no gume e talão. Os de corneana(?) e de fibrolito tiveram um tratamento diferenciado apresentando-se integralmente polidos.

As goivas encontram-se somente em três monumentos, Lapeira 3, Brissos 1 e Têra 1.

A pedra lascada é escassa na área de Pavia, registando-se a sua presença em 14 monumentos. A anta da Ordem 1 regista o maior número de artefactos recolhidos (17). Este grupo é também o que, pelas suas dimensões, poderá ter sido menos exaustivamente recolhido nas escavações antigas. Por outro lado, do espólio desenhado e publicado pelos Leisner é também o que regista actualmente mais ausências no Museu.

As placas de xisto encontram-se presentes em 17 monumentos, dispersos um pouco por toda a área. As antas com mais placas de xisto recolhidas são as da Brissos 6 (34), Caeira 7 (33), Ordem 1 (19) e S. Dionísio (17). Curiosamente, a anta de Brissos aparece registada no Museu Nacional de Arqueologia como "anta das placas". Os restantes monumentos apresentam valores relativamente baixos.

À semelhança do que se verifica com a pedra polida, também as placas de xisto têm normalmente a superfície, sobretudo a não decorada, pouco regularizada. Por vezes, é a própria matéria-prima que não é de boa qualidade apresentando o xisto muitas irregularidades e veios. Algumas placas apresentam indícios de terem sido reutilizadas e outras uma decoração aparentemente pouco planeada. Efectivamente, por vezes, os riscos são muito tortos, encavalitados ou sobrepostos em que a decoração não coincide. As próprias perfurações têm tendência para serem oblíquas ou por terem mais que uma tentativa de furo.

A decoração é muito diversificada aparecendo desde as placas totalmente decoradas até às mais simples como a da anta de S. Dionísio com duas linhas paralelas, preenchidas com traços, contornando o perímetro da placa, ou ainda a da

anta do Considerreiro onde apenas se indicam os olhos com duas covinhas, ficando o resto da placa toda lisa. Os olhos foram representados de várias formas aparecendo por vezes não os olhos mas a linha da arcada supraciliar. A decoração com riscos anárquicos aparece numa placa de Antões 3 e duas da Ordem 1.

Em relação às antas da Caeira, encontram-se actualmente no M.N.A.E. apenas 24 fragmentos de placas de xisto, geralmente de reduzidas. As placas, desenhadas pelos Leisner (Leisner 1959) ou por V. Correia (Correia 1921) e que correspondiam às menos fracturadas ou mesmo peças inteiras, não fazem parte desta colecção. Tendo em conta o número de placas desenhadas e os fragmentos existentes no Museu, deveria existir um total de cerca de 34 peças, nesta necrópole.

A questão da importância da existência ou não de separação na decoração das placas de xisto foi recentemente tratada por Victor Gonçalves (Gonçalves 1992: 84-88), que propõe a existência de "duas áreas de significado complementar nas placas gravadas" da área de Reguengos de Montaraz.

A decoração é geométrica, sendo os elementos de base as faixas estreitas verticais ou horizontais e os triângulos preenchidos. No conjunto da Caeira estão ausentes as representações explícitas da simbologia solar. No entanto, as linhas horizontais localizadas abaixo da perfuração de uma das placas, poderão ser interpretadas como "tatuagens" ou "sobrancelhas".

Se tivermos em conta o número de placas de xisto das antas maiores, como número mínimo de enterramentos (Gonçalves 1992:19) poderemos contabilizar para as antas de Brissos 6 e Caeira 7 um total de 34 e 33 enterramentos respectivamente.

Os báculos, são extremamente raros nestes monumentos, tendo sido recolhido apenas um exemplar nas antas da Caeira 7 e Brissos 6.

Os artefactos votivos em osso, lagomorfo, alfinetes de cabeça postiça, ídolos chatos, etc., estão praticamente ausentes neste conjunto, apenas se registando a presença de alfinetes de cabeça (20 fragmentos) na anta da Ordem 1.

As contas de colar encontram-se em 5 monumentos, sendo o conjunto mais significativo o da Ordem 1, com 37 contas.

Pendentes, reaproveitando ou não placas de xisto estão presentes em Antões 3 (1), Entreáguas 1 (1) e Ordem 1 (1).

Artefactos em metal encontraram-se em 4 antas, Considerreiro 1 (1), Antões 3 (2), Entreáguas 1 (1) e Ordem 1 (2).

2.6. RITUAL FUNERÁRIO

A utilização de ocre, testemunhada em diversos monumentos megalíticos funerários do Alentejo, e não só, está presente na maioria das antas de Pavia. Apesar da ausência de registo de pormenor sobre as condições de jazida dos artefactos, a análise efectuada ao espólio existente no

Museu Nacional de Arqueologia permitiu-nos verificar que, muito provavelmente, seria possível individualizar camadas avermelhadas no interior dos monumentos. A consistência actual das manchas, em alguns artefactos de pedra polida e placas de xisto deixa supor a utilização de uma quantidade significativa de ocre. Vergílio Correia refere "(.../...) ter encontrado num dólmen do Cabeço da Anta, na herdade de Casa Branca do Outeiro, termo de Pavia, uma perfeitíssima placa de schisto com os desenhos ainda cobertos de ocre vermelho", o que o fez propor que "...todas as placas foram pintadas..." (Correia 1972: 109-110)

Estas manchas que, nas placas de xisto se localizam sobretudo no verso e se distribuem mais ou menos aleatoriamente (no grupo da Ordem aparecem mais junto à perfuração), nos instrumentos de pedra polida encontram-se sobretudo no gume e talão.

A observação do conjunto artefactual disponível destes monumentos permite verificar a existência, à partida, de dois tipos de associações: o conjunto machado(s) + enxó(s) ou apenas machados, presentes nas sepulturas em forma de ferradura, com uma total ausência de cerâmicas e de placas de xisto e associações muito mais complexas em que os machados aparecem juntamente com outros materiais. Note-se, no entanto, a ausência de lagomorfos, cerâmica simbólica, falanges afeiçoadas e/ou decoradas e dos «íolos chatos».

Apesar da ausência de datações absolutas para estes monumentos pensamos que ao primeiro corresponde uma fase média do Neolítico e ao(s) segundo(s) uma diacronia mais longa que, em alguns casos se estende até ao Calcolítico Médio.

Monumentos como Brissos 6, Cabeço do Considreiro 1, Casa Branca 3, Antões 3, Entreáguas 1 e Ordem 1 com placas de xisto, cerâmica decorada e metal ou báculos, têm naturalmente uma utilização até períodos mais recentes, talvez mais prolongada, e que devem formar o grupo das que ainda são utilizadas no 3º milénio em anos de calendário.

A ligação entre o primeiro conjunto, aparentemente coeso, de primeiras inumações, com um ou poucos enterramentos e este, parece ter sido gradual, sem grandes influências exógenas, uma vez que todo o conjunto artefactual parece muito homogéneo, apesar de ser uma área de passagem natural entre o interior e o litoral.

A aparente ausência de uma rede de povoamento e enterramentos ligados ao Calcolítico Final e à Idade do Bronze deixa em aberto a questão da evolução (ou desagregação) desta(s) comunidade(s).

BIBLIOGRAFIA

BUENO RAMÍREZ, P. 1988: Los Dolmenes de Valencia de Alcantara. *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministerio de Cultura.

CALADO, M. 1993: Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA,

J., dir. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1.p. 294-301.

CALADO, M. 1995: A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico. Lisboa: [s.n.]. Policopiado

CALADO, M. (no prelo): Povoamento pré-histórico dos arredores de Évora: evolução das estratégias de povoamento. Com. apresentada ao I Simpósio Internacional Transformação e Mudança. Cascais. 1993.

CALADO, M.; ROCHA, L. 1996: Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum*. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Gavà- Bellaterra. 2. p. 673-682.

CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. 1996: O Cromeleque de Vale Maria do Meio (Évora): contexto arqueológico e geográfico. *Rubricatum*. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Gavà- Bellaterra. 2. p.

CARDOSO, J.L. 1992: Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Al-Madan. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Série II.1, p. 23-26.

CARDOSO, J.L.; FERREIRA, O da V. 1990: Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. [s.l.:s.n.], 1, p.5-12.

CORREIA, V. 1921: El Neolítico de Pavia. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

DAVEAU, S. 1985: Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

DINIZ, M. 1994: Acerca das cerâmicas do Neolítico antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal. Lisboa: [s.n.] (policopiado).

FEIO, M.; MARTINS, A. 1993: O relevo do Alto Alentejo. Finisterra. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. XXVIII, 55-56, p. 149-198.

FERNANDEZ CORRALES, J. M.; SAUCEDA, I. 1985: Los ídolos de cuernos de Los Castillejos I. Fuente de Cantos (Badajoz). SAE.1, p. 83 e ss.

GONÇALVES, V.S. 1989: Manifestações do sagrado na pré-história do Ocidente Peninsular. Almansor. Montemor-o-Novo: C.M.M.. 7, p. 289-302.

GONÇALVES, V.S. 1992: Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: UNIARQ/INIC.

GONÇALVES, V.S.; SOUSA, A. C. (no prelo): A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. Comunicação apresentada ao I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Monsaraz, 3 a 6 de Outubro de 1996.

GOMES, M. V. 1994: Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão. O Megalitismo no Centro de Portugal. Viseu: [s.n.], p. 317-342.

GONÇALVES, J.L. 1994: Ídolos de cornos e suportes de lareira do Castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 147-162.

GOMES, M. V. 1994: Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão. O Megalitismo no Centro de Portugal. Viseu: [s.n.], p. 317-342.

GOMES, M.V. 1989: Arte rupestre e contexto arqueológico. *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos da descoberta da Gruta do Escoural*. Almansor. Montemor-o-Novo: C.M.M.. 7, p. 225-269.

HURTADO PEREZ, V. 1984: El megalitismo en el Suroeste peninsular: problemática en la periodización regional. *El megalitismo en*

- la Península Ibérica*. Mesa Redonda. Madrid: Ministério da Cultura.
- LEISNER, G. e V. 1959: Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen. Berlin: [s.n.].II-2.
- OLIVEIRA, J. 1997: Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Ibn Maruan. [s.l.:s.n.].
- RAMOS, M^a C. M. 1994: Condições geomorfológicas e climáticas das cheias da Rib. de Têra e do Rio Maior (Bacia Hidrográfica do Tejo). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- ROCHA, L. 1996: Povoamento megalítico de Pavia: contributo para o conhecimento do Megalitismo Regional. Lisboa: [s.n.].
- ROCHA, L. (no prelo): Os menires de Pavia, Mora (Portugal). Comunicação apresentada ao II Congresso Peninsular de Arqueologia, Zamora, 24 a 27 de Setembro de 1996.
- ROCHA, L. (no prelo): O Alinhamento do Monte da Têra (Pavia, Mora). Comunicação apresentada ao I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Monsaraz, 3 a 6 de Outubro de 1996.
- ZBYSZEWSKI, G.; VEIGA FERREIRA, O.; REYNOLDS DE SOUSA, H.; NORTH, C.T.; LEITÃO, M. 1977: Nouvelles découvertes de cromelchs et de menhirs au Portugal. CSGP. Lisboa:[s.n.]. LXI, p. 63-73.